

**FALA E ESCRITA:
UMA PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL COM DADOS DO ALiAC**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.machado@ac.gov.br

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

Neste estudo, apresenta-se uma proposta de unidade didática para o 6º ano do ensino fundamental, versando sobre a relação entre a fala e a escrita. O conteúdo é o processo de monotongação de [aj], [ej] e [ow], comum na fala e que pode se refletir na escrita, acarretando desvios ortográficos. Trata-se de uma sugestão de aula interativa e reflexiva que considera a realidade linguística dos alunos, utilizando-se, para tanto, três cartas do Atlas Fonético do Acre (AFAC), referentes ao processo fonético em questão. A unidade será trabalhada em duas horas. Fundamenta-se em Bisol (1999), nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa* (1997; 1998), em Faraco e Moura (1999), Almeida e Zavam (2004), Bortoni-Ricardo (2004), Cardoso (2006), Oliveira (2006; 2009), Fávero, Andrade e Aquino (2012), Henrique e Oliveira (2013), e Dorneles e Messias (2013). Espera-se que a presente proposta contribua para um ensino de língua portuguesa mais produtivo e eficaz no ensino fundamental.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Monotongação. Fala. Escrita.

1. Introdução

Propor estratégias para um ensino da língua portuguesa mais interativo e reflexivo tem se tornado, nos últimos anos, um desafio e uma possibilidade de contribuir para a educação no Brasil. Nesse contexto, neste trabalho apresentamos unidade didática voltada para reflexões sobre a fala e a escrita no 6º ano do ensino fundamental. Para abordar as relações entre os dois sistemas, apresentaremos o fenômeno de monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na língua portuguesa, muito frequente na fala, passível de ocorrer também na escrita, produzindo os chamados desvios ortográficos.

Utilizamos, para exemplificar o fenômeno em questão e ilustrar a realidade linguística da fala acriana, três cartas do *Atlas Fonético do Acre – AFAC*. O estudo está fundamentado em Bisol (1999), nos *Parâmetros Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa* (1997; 1998), em Faraco & Moura (1999), Almeida & Zavam (2004), Bortoni-Ricardo

(2004), Cardoso (2006), Oliveira (2006; 2009), Fávero (2012), Henrique & Oliveira (2013) e Dorneles & Messias (2013).

2. Fala, escrita e o ensino de língua portuguesa

A fala e a escrita são de extrema importância para vida em sociedade e o desenvolvimento do aluno na escola. A fala é uma expressão livre, que varia conforme a região ou mesmo o falante, a escrita é realizada com base em um padrão imposto pelas normas da gramática normativa brasileira. De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2005, p. 13), o professor pode ensinar em sala de aula as relações existentes entre fala e escrita para que os alunos entendam que existem diferentes situações de comunicação na vida e que a fala não é algo isolado da escrita, as duas formas se relacionam diretamente. Ainda conforme Fávero, Andrade e Aquino (2005, p. 120), na escola “é necessário mostrar como a fala é variada, que há diferentes níveis de fala e escrita (diferentes graus de formalismo), isto é, diferentes níveis de uso da língua”. Fazendo isso, o ensino de língua portuguesa não se limitará apenas ao aprendizado de regras gramaticais normativas, ao contrário, será mais amplo, proporcionando variados conhecimentos e, principalmente, contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Para Henrique e Oliveira (2013, p. 111), o professor de língua portuguesa não pode somente ensinar a gramática, pois há um leque de possibilidades com vistas a um processo de ensino-aprendizagem mais produtivo e eficaz. Sobre isso, Almeida e Zavam (2004, p. 238), afirmam que:

Não questionamos a gramática normativa, mas o uso que se faz dela no ensino de língua portuguesa: único modelo para ensinar a língua tanto na sua modalidade escrita quanto na sua modalidade oral. Esse é um dos grandes equívocos que permanecem no ensino de língua portuguesa. O problema se configura, na verdade, quando se toma como único modelo de descrição da língua a gramática normativa. À gramática normativa subjaz a ideia de uma língua portuguesa única, homogênea, imutável.

Assim, em conformidade com Almeida e Zavam (2004, p. 235), é o uso inadequado da gramática normativa que deve ser questionado, bem como o fato de não ser ela a única forma de ensinar, isto é, a grande variedade da língua deve ser considerada.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), é essencial identificar os erros de ortografia resultantes da fala, explicando que “a escrita é regida por

um sistema de convenções cujo aprendizado é lendo e depende da familiaridade que cada leitor vai adquirindo com a língua escrita”. Para os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (1997, p. 30):

Tomar a língua escrita e o que se tem chamado de língua padrão como objetos privilegiados de ensino-aprendizagem na escola se justifica, na medida em que não faz sentido propor aos alunos que aprendam o que já sabem. Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e lingüística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita.

Como colocam os PCN (1997, p. 30), os alunos já sabem a língua portuguesa, o que a escola deve desenvolver é a capacidade lingüística e a competência discursiva. No que se refere ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, os PCN (1998, p. 31) esclarecem que:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

É relevante, como estabelecido pelos PCN (1998, p. 31), que, ao ensinar fala e escrita, o professor de língua portuguesa tem a possibilidade de levar o aluno a compreender que existem diversas formas de falar e de escrever, o que depende é a situação, o erro não existe, pois trata-se de uma adequação comunicativa. Logo, tanto a fala quanto a escrita podem, se de forma adequada e contextualizada, ser ensinada no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de língua portuguesa no ensino fundamental.

3. *Monotongação, escrita e ensino de língua portuguesa*

Bisol (1999, p.723) define a monotongação como o processo de redução de um ditongo para uma vogal simples, ou seja, tem-se a supressão do glide nos ditongos [aj], [ej] e [ow], resultando nas vogais simples [a], [e] e [o]. Exemplos: c[aj]xa – c[a]xa / b[ej]jo – b[e]jo / tes[ow]ra – tes[o]ra. Oliveira (2009, p.25-26), por sua vez, relaciona o referido fenômeno “a um processo de redução de um ditongo a um monotongo

(uma vogal que não muda de qualidade na sua realização”) que acontece “[...] quando um ditongo (vogal + glide) é realizado como uma vogal simples, ou seja, a semivogal da sequência é apagada”. Trata-se, segundo Oliveira (2006, p. 214), de um fenômeno bastante produtivo no português brasileiro e que se reflete na escrita.

A monotongação também ocorre na escrita porque muitos alunos escrevem da forma como falam, ignorando o fato de tratar-se de usos diferentes da língua. Creemos que o conhecimento da realidade do português brasileiro pode contribuir para uma reflexão acerca da variação linguística, assim como para a tomada de consciência em relação aos usos. Sobre isso, Oliveira (2006, p. 216), considera que:

O reconhecimento da variação linguística, como sendo inerente à linguagem por parte do professor que atua no nível de ensino fundamental poderá contribuir para a apreensão das diferentes formas empregadas pelos alunos, principalmente nos textos escritos que acabam espelhando quase sempre a fala. A monitoração na língua escrita não deve levar em consideração apenas a gramática, mas, sim, o conhecimento da realidade linguística de cada um. Tal conhecimento levará à constatação de que as hipóteses levantadas pelos alunos ao escrever têm relação direta com a experiência vivida em seu ambiente social. Por isso acredita-se que quanto mais conhecidas forem as formas introduzidas pelos docentes, menos dificuldade terá o aluno de reproduzi-las na escrita.

O conhecimento da variação linguística, segundo Oliveira (2006, p. 216) pode contribuir para o desenvolvimento da escrita dos alunos, haja vista que eles terão ciência de que se fala de diversificadas formas, porém, escreve-se conforme as normas da gramática normativa brasileira.

No que tange ao ensino da língua portuguesa na atualidade, Cardoso (2006, p. 97) afirma que o processo se tornou mais fácil devido aos avanços nos estudos linguísticos no Brasil. A dialetologia e a geolinguística constituem-se em instrumentos auxiliares para o ensino-aprendizagem da língua materna por permitir identificar a realidade linguística, ou seja, como a língua é utilizada nas diversas regiões de nosso país, pois, identificando a realidade linguística, torna-se mais fácil ensinar a língua portuguesa na escola devido a grande variedade de exemplos que enriquecem a aula (CARDOSO, 2006, p. 97). Os atlas linguísticos, por exemplo, são excelentes ferramentas que devem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa no Brasil.

4. Proposta de unidade didática para o ensino fundamental

4.1. Identificação

A presente unidade didática está destinada a disciplina de língua portuguesa, mais especificamente para o 6º ano do ensino fundamental, com duração de duas horas aulas. O conteúdo é a monotongação de [aj], [ej] e [ow]: reflexos na fala e escrita e o objetivo principal é levar os alunos a perceberem as diferenças entre fala e escrita, bem como a realidade linguística local por meio de três cartas do *Atlas Fonético do Acre – AFAC*.

4.2. PRIMEIRA PARTE: o desafio de ensinar o conteúdo

A aula, interativa e reflexiva, pode ser organizada para melhor visualização em *slides*, a utilização de imagens é promissora por tratar-se de alunos do ensino fundamental. Sugere-se e é imprescindível iniciar a aula registrando os conhecimentos prévios, ou seja, interagindo e refletindo sobre a língua portuguesa. Pode-se perguntar aos alunos as seguintes questões:

- a) O que é fala?
- b) O que é escrita?
- c) Escreve-se da mesma forma como fala?
- d) Vocês sabem o que é um ditongo?
- e) E um monotongo?
- f) Vocês já perceberam as palavras podem ser pronunciadas de diversas formas?
- g) O que acham sobre isso?

Feito isso, procede-se a explicar que a fala é uma expressão livre, individual ou mesmo regional. Fala-se a língua portuguesa, dependendo do local ou do indivíduo, de diversas formas no Brasil. A escrita, por outro lado, é feita com base em regras da gramática normativa brasileira, porém, muitas vezes, por influência da forma como falamos, escrevemos as palavras da mesma forma como falamos. Trata-se, talvez, de algo natural devido à relação que fazemos entre fala e escrita, mas que não deve ser feita, pois a escrita exige maior formalidade, os erros ortográficos não são bem vistos, devem ser superados no decorrer das aulas de língua por-

tuguesa. Não se deve escrever da forma como se fala. (FARACO, MOURA, 1999; FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2005)

Se necessário, após expor o conteúdo, deixar os alunos acrescentarem é enriquecedor, esses sujeitos possuem experiências e, na maioria dos casos, trazem bons exemplos da vida. Em seguida, ainda continuando com o desafio de ensinar o conteúdo, começar a explicar os encontros vocálicos, ditongo, tritongo e hiato, para na sequência com base apenas nos ditongos, conceituar a monotongação. Encontra-se em diversas palavras da língua portuguesa a união de duas ou três vogais, o ditongo, por exemplo, é caracterizado pela união de duas vogais que não se separam, a primeira mais forte e a segunda mais fraca, ou seja, uma vogal e uma semivogal. Exemplos: **Beijar**, **Caixa** e **Loura**. (FARACO, MOURA, 1999)

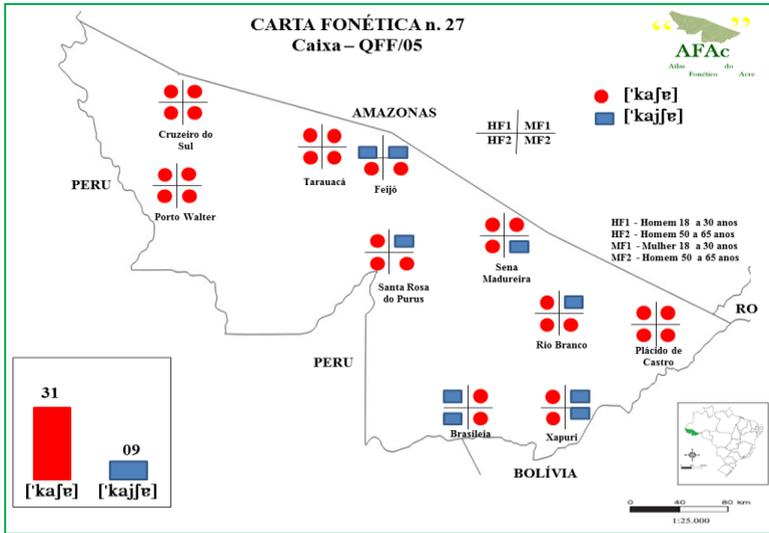
O tritongo é formado pela junção de três vogais que não também não se separam, a primeira é fraca, a segunda forte e a terceira fraca, uma semivogal, uma vogal e uma semivogal. Exemplos: **Paraguai**, **Limoeiro**, **Refugiei**. O hiato, por sua vez, classifica-se, de forma igual ao ditongo, duas vogais na mesma palavra, porém, se separam. Exemplos: **Sa-ú-de**, **Pa-ra-íba**, **So-ar** (FARACO, MOURA, 1999). Expostos os conceitos gramaticais normativos de ditongo, tritongo e hiato, sugere-se ao professor retomar as discussões iniciais sobre a variação da língua portuguesa, as diversificadas formas de pronunciar as palavras, esclarecendo que a monotongação, provavelmente, por motivos de variação na fala, constitui-se a não realização do ditongo na fala ou na escrita. Exemplos: b[e]ljo – b[e]ljo / c[a]lxa – c[a]lxa / tes[ow]ra – tes[o]ra. (BISOL, 1999; OLIVEIRA, 2009)

Para exemplificar a realidade linguística da fala acriana, nesta unidade didática, analisam-se de modo geral, as cartas n. 146, 05 e 136, expostas abaixo, do *Atlas Fonético do Acre – AFAC*. (MESSIAS, DORNELES, 2015)

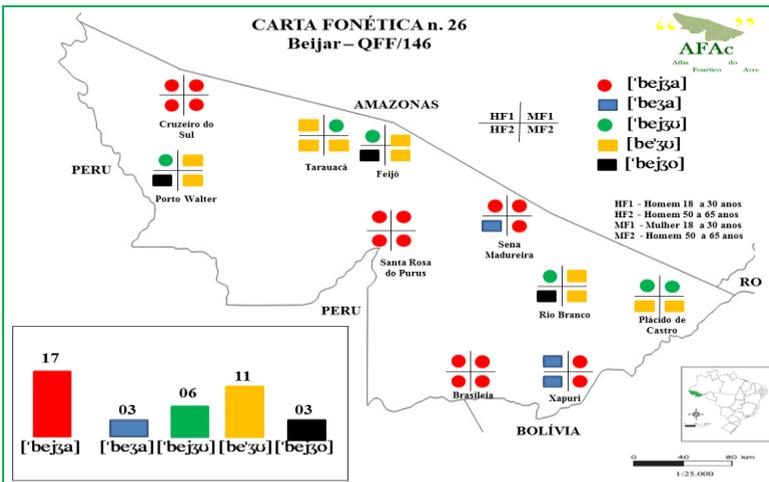
As cartas podem ser impressas ou mesmo expostas nos *slides*. É interessante explorar ao máximo esse momento da aula.

As cartas fonéticas do AFAC permitem a identificação da realidade de linguística, mais especificamente, no caso das cartas acima, da monotongação na fala acriana. O professor pode fazer a leitura e identificação da monotongação carta por carta, mostrando se quem monotongou foi do gênero feminino ou masculino, qual foi o município e a faixa etária. As palavras "Caixa", "Beijar" e "Loira", segundo as cartas do AFAC, são pronunciadas de diversas formas na fala acriana.

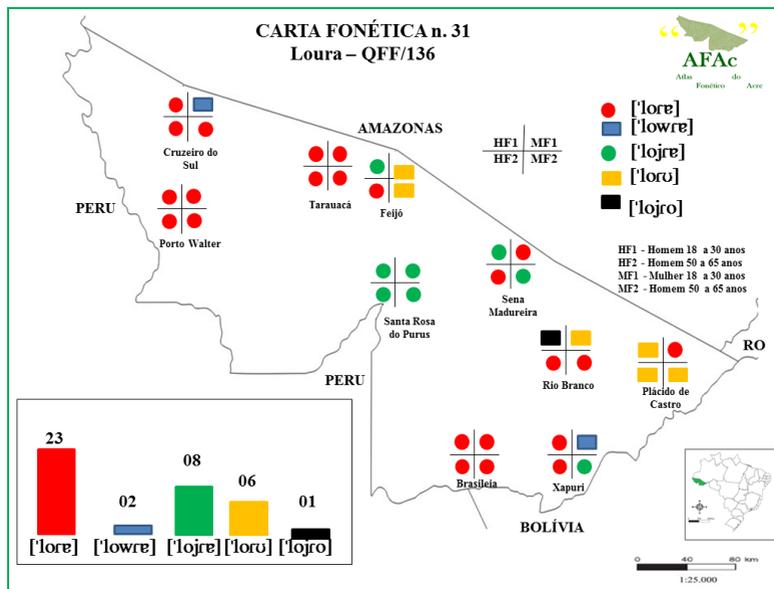
a) [aj]



b) [ej]



c) [ow]



Por fim, o professor não pode ainda esquecer-se de dizer que a monotongação é um fenômeno só do Estado do Acre, porém, bastante produtivo em todas as regiões do Brasil. (OLIVEIRA, 2006, p. 214)

4.3. SEGUNDA PARTE: o desafio de propor atividades e avaliar

- Dividir a sala em 3 grupos;
- Entregar uma carta para cada grupo;
- Pedir para que façam uma análise escrita sobre a carta para, em seguida, apresentarem para toda turma;

A avaliação pode ser feita com base na participação e na apresentação do trabalho em grupo para turma.

5. Considerações finais

Neste trabalho, propôs-se uma sequência didática para a disciplina

de língua portuguesa, 6º ano do ensino fundamental, com duração de duas aulas. Logo, mesmo ainda a proposta não sendo testada em sala de aula, espera-se que a presente proposta contribua para um ensino de língua portuguesa mais produtivo e eficaz na atual escola pública brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Nukácia; ZAVAM, Aurea. (Orgs.). *A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo*. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Suzana Marcelino. Dialetoлогия e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Marcelino. (Orgs.). *Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

DORNELES, Darlan Machado; MESSIAS, Lindinalva. Variação de /e/: proposta de atividades em sala de aula para a compreensão da diversidade linguística do português brasileiro. In: *Anais do SILEL*. Uberlândia: Edufu, 2013, vol. 3, n. 1.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2012.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; OLIVEIRA, Demerval da Hora. Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de

alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. *Letrônica*, Porto Alegre, PUC-RS, vol. 6, n. 1, 2013.

MESSIAS, Lindinalva; DORNELES, Darlan Machado. *Atlas fonético do Acre – AFAC*. Rio Branco: CEDAC-UFAC, 2015.

OLIVEIRA, Demerval da Hora. *Fonética e fonologia*. UFPB, 2009. Disponível em:

<[http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica e Fonologia.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf)>. Acesso em: 04-10-2015.

_____. Monotongação de ditongos orais decrescentes: fala versus escrita. In: GROSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. (Orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC, 2006.